

AS Ecos Maristas

Instituto dos Irmãos Maristas

Número 48 – Ano 17 - Junho 2004

A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Os que são chamados a tomar parte no projeto marista, como começando e sonhando por Marcelino, descubrem mais cedo ou mais tarde que a experiência está no coração de sua vocação de irmão ou de leigo. Mas qual é esta experiência?

Uma experiência profunda de si. Entrar em si, ter consciência dos obstáculos que nos impedem de viver plenamente, reconhecer esta fonte de luz que surge do coração e do mais profundo de nosso ser... Assim se acaricia um processo de crescimento pessoal, entrelaçado de fraquezas e esperanças, mas constante e certo.

Uma experiência profunda de Deus. Neste íntimo santuário, descobre-se a presença de Deus, amor e compaixão. Ele se torna o centro de atração de nossa vida. Os tempos de oração e de meditação nos tornam mais conscientes de seu Ser. Somente o sarmento unido à vinha produz frutos.

Uma experiência profunda dos outros. A atenção, o serviço e o aconchego me desvendam que por traz de cada pessoa está a face de Deus. Podemos nos ligar aos outros de múltiplas maneiras, mas o mais forte dos vínculos é o da fraternidade, alimentada na fé.

Transmitimos aos outros esta tríplice experiência? Somente quem a viveu pode transmiti-la.

Desfrutar da companhia de Deus

Ir. Seán D. Sammon, Superior geral



O Irmão Seán conversa com o Irmão Antonio Ramalho, Conselheiro geral

O mais comum, é muito difícil para Deus captar nossa atenção. Admirar-se? Preocupados em dar diretivas, a fazer perguntas, a declinar nossa ladainha de lamentações, custa-nos dar um momento para escutar o que Deus deseja nos dizer. Alguns entre nós são tão presunçosos para acreditar que podemos falar por Deus: sim, persistimos em dizer a quem o quer ouvir, que tal coisa ou tal outra é a vontade de Deus. Felizmente, para seu renome, Deus tomou a decisão depois de muito tempo de não se sujeitar a todas nossas ordens!

Certamente, Marcelino Champagnat deve por vezes ter dado a Deus seu ponto de vista (e felizmente também seu coração), mas o Fundador deu-se conta igualmente que o silêncio fazia parte do ritmo de nossa relação com aquele que tudo pode. Aprendeu a ficar na escuta e, com o tempo, deu um nome a este hábito: a prática da presença de Deus.

Tendo usufruído já da graça de um excelente amigo, sereis capazes de compreender que Deus deseja ar-

dentemente o prazer de vossa companhia e da minha. Verdade, os bons amigos conversam; as palavras trocadas os ajudam muito a partilhar entre si. Mas os bons amigos apreciam também os momentos tranqüilos durante os quais basta estar junto. Sem palavra, sem gesto, sem programa. Simplesmente usufruir a compa-

nhia do outro. É o que Deus também aspira.

Então, a próxima vez que percebermos que desejamos dar a Deus o nosso ponto de vista, contentemo-nos em simplesmente conciliar nosso coração ao dele.

Por imperfeitos que sejam nossos corações.

Por perturbados que eles possam estar.

O ritmo tranqüilo em que batem serve para nos recordar este silêncio que, mais que as palavras, é a linguagem que Deus emprega para conversar conosco.



A presença de Deus, chave para São Marcelino

SAN JUAN DE MIRAFLORES, LIMA, PERU

O sentido marista do trabalho de orientador

Orlando Cerna Dorregaray, Colégio «Manuel A. Ramírez Barinaga» dos Irmãos Maristas, Província Santa Maria dos Andes, Lima, Peru.

Quero refletir sobre o sentido marista da função de orientador nos colégios, a partir de minha experiência em orientação no Colégio «Manuel A. Ramírez Barinaga» dos Irmãos Maristas de San Juan de Miraflores, em Lima, no Peru.

Minha experiência em orientação começou com minha própria experiência de aluno em Ramirez Barinaga, durante os anos 1973 a 1980. Foi então que aprendi o que significava ser marista, e observando os irmãos que trabalhavam no Colégio, dando seu tempo e seus bons conselhos, que descobri o modelo de vida cristã marista. Minha atenção foi atraída ante a preocupação dos irmãos na formação integral de seus alunos e alunas do colégio. Guardo sempre na memória e no coração seu trabalho de orientação, seu esforço para compreender as dificuldades que tínhamos como jovens, e fui também testemunha da maneira como nos protegiam e nos corrigiam quando nosso comportamento o exigia.

Atualizavam o princípio educativo de Champagnat para fazer de nós bons cidadãos e bons cristãos. Lembro-me dos irmãos como Lázaro Armendáriz, Mario Duque, Santos Garrido que foram autênticos educadores, inspirados pelo amor do Padre Champagnat. Com sua presença, sua simplicidade e a coerência de seus princípios, sempre se interessa-

ram por nós, nos dando sobretudo a possibilidade de melhorar e consolidar em nossas mentes estes valores morais que nos ajudaram a combater o mal e que nos ensinaram que não há melhor trabalho que o de servir os outros.

Como antigos alunos, participamos destes grupos maristas de jovens e fazemos com os jovens irmãos a experiência de

partilhar algo de nossa vida e de nossa formação com as crianças e os jovens de nosso antigo colégio. Os irmãos sempre estiveram dispostos a orientar e instruir os jovens sem desconhecer suas realidades psicológicas. Bem pelo contrário, sempre as reconheceram e por isso sempre se interessaram por aqueles que apresentavam dificuldades em seu comportamento e no aproveitamento acadêmico. Agora, como orientadores profissionais, nossa principal missão de inspiração marista nos leva a buscar primeiramente os alunos com maiores dificuldades. Ainda que não estejamos substituindo seus pais, nós formamos uma família, onde o amor do Padre Champagnat para Maria, nossa Boa Mãe, nos ajuda a empreender tudo que é necessário para «pacificar» estas crianças e estes jovens de nossos colégios, para que a exemplo da Boa Mãe para com Jesus, eles se sintam protegidos, serenos, estimados, aceitos e sobretudo amados por Maria, amados como talvez nunca o foram. É somente graças a este amor que nos vem do Pai que orientamos e educamos integralmente nossas crianças e jovens.



A formação tecnológica não basta, é preciso educar o coração



Caminhar pela vida... bem orientados

Número 48 – Ano 17 - Junho 2004
INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS

DIRETOR: *Ir. Lluís Serra.*

TRADUTORES: francês, *Ir. Gilles Beauregard*; inglês, *Irs. Gerard Brereton e Joseph Belanger e Mario Colussi*; espanhol, *Irs. Miguel Ángel Sancha e Josep Roura*; português, *Irs. João Fagherazzi e Virgílio Balestro.*

FOTOGRAFIA: *Ir. Lluís Serra e arquivo*

FORMATAÇÃO E FOTOLITOS: *TIPOCROM S.R.L. – Via G.G. Arrivabene, 24 Roma, Itália.*

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: *Piazzale Marcellino Champagnat, 2, C.P. 10250, 00144 ROMA*

Tel. (39) 06 54 51 71 - Fax (39) 06 54 517 217

E-MAIL: *publica@fms.it*

PÁGINA WEB: *www.champagnat.org*

EDITA: *Instituto dos Irmãos Maristas, Casa Generalícia – Roma, Itália.*

IMPRIME: *C.S.C. GRAFICA, s.r.l. Via G.G. Arrivabene, 40 – Roma, Itália.*

Henri Vergès, um construtor de ponte entre a Igreja e o Islame

Entrevista ao Irmão Alain Delorme pelo Irmão Lluís Serra

Alain Delorme, 72 anos, nasceu em Saint Paulet-de-Caisson, França. Conselheiro geral de 1985 a 1993. Vice-postulador da causa do Irmão Henri Vergès, morto em Argel no dia 8 de maio de 1994.



O Irmão Henri, testemunho da Igreja na Argélia

QUEM ERA O IRMÃO HENRI?

Nascido em 15 de julho de 1930, em Matemale, Pirineus-Orientais, no planalto de Capcir. O primogênito de seis filhos, de pais agricultores. Deixa sua cidade aos 12 anos para tornar-se marista.

QUAL SUA TRAJETÓRIA MARISTA?

Henri é noviço em Saint Paul-Trois-Châteaux e escolástico em Notre-Dame de l'Hermitage. Aos 18 anos, começa seu apostolado de professor em Ardèche e permanece 8 anos em Corrèze, em Notre-Dame de Lacabane como vice-mestre dos noviços. Eleito delegado por sua Província, participa do Capítulo geral de 1967. Conclui licenciatura em Filosofia em junho de 1968. Aporta na Argélia em 1969.

COMO SE INCULTUROU ELE?

Henri estudou árabe com muito entusiasmo. Leu o Coran e manteve-se em contato com tudo quanto o poderia ajudar no seu trabalho de educador dos jovens muçulmanos. Na escola Saint Bonaventure, em Argel, conseguiu dar vida a uma equipe educativa e lançar um projeto pedagógico num clima de recíproca confiança. Em Sour-El-Ghozlane, de 1976 a 1988, é professor no liceu desta cidade, a 120 km ao sul de Argel. Dedicou-se de coração aos seus alunos e conquistou a confiança de seu diretor devido sua ação junta aos mais fracos.

QUAL FOI SUA CONTRIBUIÇÃO NO DIÁLOGO ISLAMO-CRISTÃO?

A partir de 1980, Henri participa ativamente no «Ribat», uma fraternidade espiritual com muçulmanos que se reuniam duas vezes por ano em Notre-Dame de l'Atlas, perto de Médéa, com o prior, Christian de Chergé, morto com seis de seus irmãos, em maio de 1996. Henri procurou a fundo aprofundar o sentido da presença da Igreja no mundo

muçulmano. Era a maneira de se tornar um com o povo argelino. Por sua vida e sua morte, foi um construtor de ponte entre a Igreja e o Islame.

QUAL FOI A SUA ATUAÇÃO JUNTO À JUVENTUDE?

Henri fugia a todo proselitismo. A biblioteca da rua Ben Cheneb acolhia mais de 1200 jovens estudantes. Ali encontravam calma e os instrumentos de trabalho. Todo jovem era respeitado no seu ritmo de trabalho. Para Henri, este esforço de compreensão convergia para Deus.

PORQUE INTRODUIZIR SUA CAUSA?

Porque nosso irmão foi um testemunho do compromisso da Igreja e de sua fidelidade ao serviço dos jovens argelianos como o declarou o Cardeal Duval. Porque sua ação apostólica é um modelo de respeito ao outro na sua identidade e sua liberdade.



Uma ponte entre dois mundos

O Irmão Alain Delorme, vice-postulador



● «ELES NÃO TÊM VER O MUNDO COM

As conversas animadas e a alegria da festa de Caná não impedem Maria de se dar conta que aos jovens nubentes faltará vinho.

Não fica de braços cruzados mas dirige-se a Jesus e lhe diz: «Eles não têm mais vinho.» Maria, longe de ficar indiferente à infelicidade dos outros, sabe descobrir suas necessidades.

Irmãos e leigos maristas somos convidados a ver o mundo com os olhos de Maria, a ter um olhar que não julga, mas que compreende e ama.

Maria, com discrição traz soluções claras e decisivas.

«ELES NÃO TÊM MAIS VINHO»

As bodas de Caná revelam o primeiro sinal messiânico que Jesus realiza. Sua mãe Maria foi uma figura chave deste acontecimento. Ela estava realmente preocupada quando ela apresentou a Jesus a situação difícil das bodas. É por isso que Jesus manifestou seu amor por esta ação.

«Eles não têm mais vinho»

Esta frase de Maria é uma chamada a discernir as situações de nosso tempo com um coração repassado de compaixão – uma compaixão que nos leva a agir para com aqueles que estão em necessidade.

Meu trabalho como coordenador do Marist Alternative Education Program para os jovens e os adultos fora do meio escolar dão-me a oportunidade de observar situações peníveis. É espantoso escutar a história de um adolescente que deve deixar o colégio para ir trabalhar numa fazenda para aumentar o salário familiar. É perturbador saber que um jovem deixa a escola para permitir que sua mãe lave roupa para pagar uma atividade escolar de seu filho. É emocionante ver como uma filha fisicamente deformada se desloca de bicicleta, pedalada por sua irmã mais jovem, para vir ao nosso centro de educação. É doloroso ouvir a história de um jovem que se sente privado do amor, abandonado, atirado na rua para suportar sozinho a luta de sua sobrevivência.

Eles não têm mais vinho.

Escutando estas palavras de Maria, não podemos permanecer indiferentes às injustiças sociais que ferem tantas pessoas na busca do bem-estar. Como Maria que refletia na «ameaça» que pairava sobre a festa dos jovens nubentes, nós somos chamados a sermos sensíveis às realidades desumanizantes que a humanidade deve enfrentar. Como Maria, devemos decidir agir concretamente para responder às necessidades dos outros...ter atitudes que nos revelem um Jesus sempre pronto a responder com amor.

No fim podemos nos perguntar: «Para que serve hoje escutar estas palavras de Maria, se permanecemos indiferentes ao clamor dos que estão necessitados?»

Agnes S. Reyes

Coordenadora, Programa marista de Educação alternativa
Faculdade Notre Dame da Marbel University
Filipinas

MAIS VINHO»

OS OLHOS DE MARIA

DIÁLOGO EM GRUPO

1. Para os educadores maristas, que significa ter um olhar que não julga mas que compreende e ama?

2. Examinemos a obra marista onde trabalhamos. Olhando-a com os olhos de Maria, que novidade ela nos oferece?

«ELES NÃO TÊM MAIS VINHO.»

Segundo o texto do Evangelho, Maria é a primeira a reconhecer a situação difícil dos nubentes de Caná e ela reage. Ela percebe que faltará vinho e ela quer ajudar.

Cada texto do evangelho é uma boa nova para nós e não somente um acontecimento da vida de Jesus ou de Maria. Assim, podemos nós também nos perguntar, como Maria o fez pela vez primeira, «o que isso deve e pode significar para nós?»

Beber vinho com os amigos pode significar: consumir um alimento precioso, degustar uma bebida delicada e saborosa, tomar um elixir estimulante, partilhar uma alegria, criar um clima entusiasta e amável numa comunidade.

Temos suficiente «vinho» em nossa vida espiritual para alimentar alegria em nossa vida pessoal e nossa comunidade, para transmitir aos nossos amigos, aos nossos colaboradores e para inspirar e otimizar nosso apostolado?

Maria vê a necessidade dos esposos, dos pais – da comunidade e dos outros – muito antes que nos demos conta. Ela sabe o que deve ser feito. Conhece as forças curativas e vivificantes que podem curar o corpo e a alma como a alegria e a satisfação internas que geram a vida. Conhece as fontes de energia que dão coragem e as forças contra o cansaço, a resignação ou peso de uma responsabilidade. Ela nos dá uma resposta clara: voltem-se para o Cristo e «fazei tudo o que ele vos disser.»

Ir. Heinrich Schamberger
Europa Centro-Oeste,
Mindelheim, Alemanha

VER O MUNDO COM OS OLHOS DE MARIA

«**Vejamos**», diz o cego, «até onde iremos», retruca o aleijado. Realmente, cada um utiliza o sentido da vista que Deus lhe deu como o expressa o desejo incógnito do cego. Felizmente, o sentido da vista é um dos meios mais úteis para nos familiarizar com os que encontramos em nosso caminho e em nosso aconchego. Foi também o caso de Maria. Nas bodas de Caná, percebeu que faltaria vinho: «eles não têm mais vinho» diz ela prontamente a seu Filho. Devido nossos contatos cotidianos com as crianças e os jovens, tomamos conhecimento de suas profundas aspirações: serem amados, cuidados, considerados, escutados, valorizados, etc. Tudo o que contribui para o crescimento de um ser humano.

Ver suas mais importantes aspirações e os ajudar a satisfazê-las pede de nós, irmãos e colaboradores leigos, de «enxertar» os olhos de Maria e seu sentido agudo das necessidades dos outros sobre nossos próprios sentidos. Teremos assim olhos capazes de realmente ver, ouvidos capazes de escutar, uma inteligência capaz de discernir, um coração capaz de sensibilizar e mãos capazes de trabalhar. Em assim fazendo, tornamos a vida das crianças e dos jovens mais rica e mais significativa.

Ir. Geraldo Medida
Escola Marista de Manhiça,
Maputo - Moçambique

As fraternidades maristas, uma vocação partilhada



Colômbia: um compromisso de vida

QUE ACONTECE ÀS INICIATIVAS MARISTAS PARA OS LEIGOS?

A. Aspirações recentes e planos

O Capítulo geral de 1993 foi muito importante para oficializar e dar um incentivo a esta aventura.

Um livro oficial tratando da formação, teologia, inspiração e estrutura foi publicado e adotado como plano de ação, para avançar com todos aqueles que se sentem atraídos por Marcelino Champagnat, seu carisma e sua espiritualidade.

O MOVIMENTO CHAMPAGNAT DA FAMÍLIA MARISTA foi o caminho para avançar. Logo que retornei de Roma depois de um curso de seis meses sobre a história e a espiritualidade maristas, confiaram-me a tarefa de promover e divulgar estes aspetos. Muita energia despendi. Durante alguns anos, tivemos vários grupos ativos, mas parece terem-se esfalfados, quando tentei responsabilizar estes diferentes grupos.

Minha conclusão: De alguma maneira isto não respondia às necessidades dos leigos.

B. Educação e trabalho social

Convidaram-me para desenvolver um programa de aperfeiçoamento para o pessoal dos colégios como também para os envolvidos em trabalhos sociais. Começando uma equipe, desenvolvemos e lançamos um programa SHARING OUR CALL (PARTILHANDO NOSSO APELO) em 1994. Compreendia um período de aperfeiçoamento de três dias, repetido seis vezes durante o ano, com rico conteúdo marista. O mesmo ultrapassou nossas expectativas. Este programa continua, depois que mais de 1200 pessoas nele tomaram parte.

Um programa complementar, chamado ENRICHING OUR CALL (ENRIQUECENDO NOSSO APELO), tentava responsabilizar os casais leigos para a organização e a divulgação, mas com uma eficácia reduzida. Tínhamos previsto realizá-lo várias vezes ao ano, em sessões vespertinas com aqueles que tinham já feito o primeiro programa. Eu esperava que isso levasse à formação de grupos que manifestariam o desejo de participar no MOVIMENTO CHAMPAGNAT DA FAMÍLIA MARISTA. A resposta foi desigual, menos onde um irmão tinha a responsabilidade de manter o entusiasmo do grupo.

Reflexão: Ainda que se tenha mostrado entusiasmo pelos cursos de três dias no grande grupo, parece que este entusiasmo decrescia quando se passava a grupos menores. Não sentiam a necessidade e nem viam como isto enriquecia sua espiritualidade. Entretanto notou-se que o conceito de uma IGREJA MARIAL (como a desenvolvi-

da no A Certain Way) despertava maior interesse.

C. Iniciativas da família marista

Retornando a 1993, uma feliz iniciativa fora tomada pelos religiosos que haviam estudado a possibilidade de ampliar o Movimento da Família marista. No início, um grupo constituído de maristas (uma irmã missionária, uma irmã, um irmão e um padre) organizou um comitê que buscava desenvolver um aconchego comum para envolver os leigos. Organizamos sessões de fim de semana (retiros para leigos), como manhãs de reflexão. Havia uma celebração anual, chamada FOURVIÈRE, que cada ramo animava em rodízio. Pouco a pouco os leigos se envolveram. Em 2002, dois leigos muito dinâmicos deste comitê participaram da conferência nacional dos Leigos Maristas em Nova Orleans. Retornaram cheios de energia e ânimo. E isto desenvolveu um outro cenário: um movimento reforçado de MARIST LAITY AUSTRALIA com uma constituição e ramos em três estados. Já organizamos fins de semana sobre o tema da



Pamplona: um espaço de fraternidade



ATENTO DIARIAMENTE EM NOSSA WEB WWW.CHAMPAGNAT.ORG

A nova web do Instituto marista foi inaugurada na Internet de 18 de abril último, 5.º aniversário da canonização de São Marcelino Champagnat. A data foi escolhida em homenagem não apenas à sua pessoa mas também ao seu projeto: «Todas as dioceses do mundo entram em nossas perspectivas.» Vindo dum recanto perdido da França, Marcelino abrigou um coração sem fronteiras. Queria fazer chegar a Boa Nova aos quatro cantos do mundo. Nós, hoje, temos a oportunidade de contribuir para a realização de seu sonho. Em todo mundo sabemos que www.champagnat.org é o ponto de encontro das pessoas unidas pelos valores maristas. Todos podem receber o *Boletim marista* em seu endereço eletrônico. Basta inscrever-se. Estás convidado para nosso encontro cotidiano.



Canadá: no coração da cidade

espiritualidade. Há um grande desejo de viver um compromisso marista. Estou convicto que isto será uma ocasião para avançar e assim alegrar nossos fundadores!

Ir. Des Murphy

CAMINHEMOS PARA O AMOR

De São Pedro, na Província de Jujuy na Argentina, cumprimento cordialmente todos os membros das várias fraternidades. Nossa fraternidade tem um nome pitoresco: *Mão na mão com São Marcelino caminhamos para o Amor*. Iniciamos as atividades do novo ano com uma agradável notícia: um membro de uma fraternidade vizinha aspira ao sacerdócio e entra no seminário. Nos comprometemos a apoiá-lo com nossas orações. Inserimos numerosas iniciativas de solidariedade no nosso programa deste novo ano.

Carlos Cruz
São Pedro, Argentina

DO JEITO DE CHAMPAGNAT

«Tu serás hoje Champagnat», esta expressão muito profunda tornou-se para as fraternidades da província Norandina um compromisso de vida. Diante deste apelo, a fraternidade dos leigos de La Paz quer passar à ação em favor de um grupo de jovens que residem numa das regiões mais pobres e mais violentas de Bogotá. Concluindo seu programa de estudos acadêmicos para escolas de liderança, procuramos dar a estes jovens instrumentos para fazer face aos desafios de seu ambiente e assim torná-los capaz de escolher a vida.

Constanza A. Rojas Carvajal
Bogotá, Colômbia

UMA EXPERIÊNCIA QUE PROMETE!

As fraternidades maristas da província

do Canadá tiveram a oportunidade de viver um tempo forte de reanimação, organizado pela fraternidade «**No coração da cidade**», nos dias 26, 27 e 28 de março, na Casa da Senhora no santuário marial de Notre-Dame du Cap. O tema era: «**Ver o mundo com os olhos de Marcelino.**» Vinte duas pessoas, representando seis fraternidades, viveram este tempo aprofundando seus conhecimentos sobre Maria da Anunciação e Maria da Ressurreição com o Irmão Bernard Beaudin, e tomando conhecimento da circular do Irmão Seán Sammon, apresentada pelo Irmão Gaston Robert e o testemunho de Jean-Pierre Lacasse, animador da fraternidade «No coração da cidade.» Tempos de oração pessoal previstos para integrar os vários momentos. Todos expressaram seu contentamento por esta primeira experiência entre fraternidades. Espera-se que esta experiência se repita.

Jean-Denis Couture, fms
Acompanhante da fraternidade
«No coração da cidade.»

FRATERNIDADE E AMIZADE

A fraternidade Champagnat de Pamplona, é uma das mais antigas. Nós que a integramos partilhamos nossa vida e missão cristã desde o tempo em que éramos alunos até hoje, quando já formamos famílias.

Por este motivo, nossa fraternidade cresce constantemente no carisma de Marcelino e, certamente, na amizade. Por isso uma vez por ano, excursionamos para a cidade de Navarra, onde todos, as crianças como adultos, passamos dias agradáveis, sem outra pretensão que a de saborear a felicidade de estar juntos.

Alberto Cascante Díaz
Fraternidade Champagnat
de Pamplona, Espanha



Sydney: um apelo partilhado



O Irmão
Georges
Sabé, da Síria

MARISTAS, 100 ANOS NA SÍRIA

Alep é a segunda cidade da Síria, berço da civilização e do cristianismo. A comunidade cristã é constituída por várias igrejas católicas, ortodoxas e protestantes.

A pedido do bispo armênio católico, os Irmãos chegaram em agosto de 1904 em Alep, para dirigir e animar o colégio deste rito.

Em 1930, eles abrem seu próprio colégio que funcionará até 1945.

Depois abrem um outro colégio que funcionará até 1967.

A partir de então, os irmãos mantêm uma comunidade em Alep ao serviço dos jovens e dos mais necessitados.

Atualmente a comunidade tem 3 irmãos. Ela faz parte da Província Mediterrânea.

Alep foi e continua sendo sementeira de vocações maristas. Atualmente, a comunidade está

comprometida com vários projetos de solidariedade e educação. Também a

comunidade está engajada na educação informal por dois grupos de escoteiros. Duas

famílias Champagnat formada cada uma por 6 casais estão em íntima relação com os irmãos.

Além disso a comunidade tem como missão o

acompanhamento vocacional. Depois de 1999, três jovens professaram.

As atividades do centenário serão realizadas de 15 a 21 de agosto de 2004 com a presença do Irmão Superior geral. Podeis

melhor nos conhecer através da página web:

www.maristes-alep.com

Ser Champagnat hoje

*Ir. Pedro João Wolter, Diretor do Colégio Marista Paranaense, Curitiba, Brasil
Província Marista do Brasil Centro-Sul.*

Se São Marcelino Champagnat visse hoje, que medidas tomaria para dinamizar a vida religiosa dos Irmãos e, como conseqüência, todo o Instituto Marista?... Pergunta de difícil resposta; aliás, provavelmente tenhamos a resposta mas temos dificuldades de pô-la em prática.

Quais seriam as atitudes de Champagnat hoje perante a falta de vocações e a pouca perseverança de formandos e Irmãos? Já éramos mais de dez mil Irmãos; agora somos menos de cinco mil; estamos diminuindo em cerca de 100 Irmãos por ano. Se continuarmos assim, desapareceremos nos próximos quarenta anos. No ano 2050, seremos uma congregação extinta ou quase. É uma terrível constatação.

Creio que Champagnat provocaria um êxodo de Irmãos do primeiro mundo, onde temos pouco a fazer, para o necessitado continente africano, ou para o formigoso humano da Ásia e outras regiões extremamente necessitadas do globo.

Nessas regiões, há milhões de crianças e jovens carentes de quase tudo, onde o nosso ministério e apostolado poderiam ser exercidos em plenitude, e onde conseguiríamos certamente bom número de vocações. Seria um renascer da Congregação, como aconteceu quando os Irmãos foram expulsos da França e acabaram multiplicando-se com enorme ra-

pidez pelo mundo. Foi o que aconteceu no México, Colômbia, Brasil, etc. Creio que falta coragem para sairmos de nossa terra e partirmos para regiões pobres de tudo, especialmente do conhecimento, religião e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitado e de Maria Santíssima, a Boa Mãe da Igreja e da Congregação de Marcelino Champagnat. Por certo, atenderíamos aos mais profundos desejos e solicitações do Papa João Paulo II. O 19º Capítulo Geral pede-nos para ir aos lugares onde estão as crianças e os jovens. Ora eles estão principalmente no terceiro mundo, onde são vítimas do sistema econômico e social excludente de hoje.

Para mim, ser Champagnat hoje é promover o êxodo para os pobres da periferia das grandes cidades, onde se encontra a maior massa de deserdados, sem falar das crianças e jovens perdidos na droga e no crime, por falta de formação, orientação e preparo para o trabalho. Com a graça de Deus e a proteção da Boa Mãe dos Maristas e da Igreja, isto pode e deve acontecer conosco, para a nossa maior felicidade e proveito do próximo menos assistido.



Relicário entregue ao Papa por ocasião da beatificação em 1955



Contos de crianças... verdades reais

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

Um dia, um rei visitou um Mestre e assistiu como observador a reunião que o sábio presidia. Mais tarde, no almoço, o rei disse ao Mestre:

«Mestre, quando presidias a reunião, teus discípulos estavam sentados em semi-círculo numa disposição que se parece muito àquela que utilizo habitualmente no meu palácio: isto teria talvez uma significação particular?»

O sábio respondeu:

«Rei do Mundo! Como estão dispostos teus cortesãos? Di-lo, e eu te descreverei como estão dispostos os meus discípulos.»

«O primeiro círculo», explica o rei, «compreende aqueles que, por motivos particulares, gozam de meus favores, eles estão assim mais próximos. O segundo círculo está reservado aos mais importantes dignitários e aos mais poderosos do reino, como os embaixadores. Quanto ao círculo externo, ele está destinado às pessoas de menor importância.»

«Neste caso», disse o Sábio, «a ordem segunda a qual os meus estão dispostos está longe de responder as preocupações que tens expressado. Os que estão sentado perto de mim, são os surdos para que me possam entender bem. O grupo intermediário é formado pelos profanos, a fim que ele prestem atenção aos ensinamentos.

Quantos aos que estão mais longe, são os iniciantes; para eles, esta forma de proximidade não tem nenhuma importância.»